

GÊNEROS DO DISCURSO: UMA APROPRIAÇÃO/PROPOSTA DOS PARÂMETROS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO DE LÍNGUA(GEM)

Wilza Karla Leão de Macedo *

Vânia Lúcia Menezes Torga **

Resumo

O presente artigo busca apresentar uma noção acerca dos gêneros do discurso, considerando pressupostos bakhtinianos sobre língua(gem). Em uma perspectiva dialógica, será identificado o que prescrevem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (LP) quanto aos gêneros discursivos e como esses se apresentam, no PCN de LP, como uma proposta de ensino de língua.

* Universidade Estadual de Santa Cruz

** Universidade Estadual de Santa Cruz

Palavras-chave: Língua, Gêneros do Discurso, PCN de LP.

Introdução

A língua é um legado histórico-cultural da humanidade. Conforme Bakhtin (1997a), ela não existe por si mesma; em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta, a língua se consolida; sob a perspectiva da enunciação, ela se torna realidade. São as condições sociais de cada época que determinam as condições de comunicação verbal, as formas e métodos da língua.

Para esse estudioso, a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, tampouco pela enunciação monológica isolada ou pelo ato psicológico de sua produção, todavia, pelo fenômeno social da interação verbal, essa constitui a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1997a, p. 123). Com esse discurso, Bakhtin aponta para as duas orientações tradicionais do pensamento filosófico de sua época: o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista.

Para defesa do que pensa sobre a verdadeira substância da língua, o autor

contrapõe-se à concepção de um sistema linguístico objetivo, externo e independente à consciência do falante (objetivismo abstrato) e à ideia de enunciação como produto único da expressão da consciência individual do falante (subjetivismo individualista). Apresenta a natureza social da enunciação: a *palavra* - produto da interação entre o locutor e o interlocutor -, e torna-se incisivo na defesa de um *sujeito* ativo na constituição da língua, o qual é constituído pelo *diálogo* e pela *interação verbal*. Assim, a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua, é responsável pelo diálogo em seu sentido amplo, ou seja, por toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

Gêneros discursivos numa perspectiva dialógica

O diálogo enquanto comunicação verbal organiza-se em infinitos gêneros discursivos, pois cada esfera de utilização da língua exige uma elaboração de "tipos de enunciados". Bakhtin diz que os gêneros do discurso são a materialização





do diálogo cotidiano, com isso, dá margem para se perceber a infinitude de sua variedade e a sua heterogeneidade, uma vez que cada esfera da atividade humana comporta um repertório de gêneros. Faraco (2009, p. 104) pontua que, em dias atuais, no Brasil, há um uso inflacionado da expressão gêneros do discurso, tendo como referência o legado bakhtiniano. Segundo o autor, possivelmente, Platão foi o primeiro a falar de gêneros ao dividir o livro III da *República* em três modalidades: a lírica, a épica e a dramática. Também dois trabalhos de Aristóteles foram referências durante séculos na discussão dos gêneros. Entretanto, a principal referência para esse estudo são os escritos de Bakhtin, especificamente, o texto *O problema dos gêneros do discurso* (provavelmente escrito em 1952/1953).

Para melhor compreensão desse assunto, Bakhtin divide os gêneros do discurso em primários e secundários, assinalando que ambos são constituidores da língua escrita:

em cada época de seu desenvolvimento, a língua escrita é marcada pelos gêneros do discurso e não só pelos gêneros secundários (literários, científicos, ideológicos), mas também pelos gêneros primários (os tipos do diálogo oral: linguagem das reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar, cotidiana, linguagem sociopolítica, filosófica, etc.). A ampliação da língua escrita que incorpora diversas camadas da língua popular acarreta em todos os gêneros (literários, científicos ideológicos, familiares, etc.) a aplicação de um novo procedimento na organização e na conclusão do todo verbal e uma modificação do lugar que será reservado ao ouvinte ou ao parceiro, etc., o que leva a uma maior ou menor reestruturação e renovação dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997a, p. 285).

Bakhtin indica a fronteira existente entre gêneros primários e secundários, apresenta o estudo dos *gêneros do*

discurso como uma forma de se compreender a vida que se dá com a linguagem. Ele defende que as mudanças históricas dos estilos da linguagem se encontram indissociáveis das mudanças que se efetuaram nos gêneros do discurso, uma vez que a língua escrita corresponde ao conjunto dinâmico e complexo constituído pelos estilos individuais. Para ele, os gêneros do discurso poderiam ser vistos como “correias de transmissão que levam a história da sociedade à história da língua”.

Saussure, com a publicação do *Curso de Lingüística Geral* (2006), considera a língua como sistema de regras bem organizado; diz que o estudo da linguagem comporta duas partes, uma que tem por objeto a língua (*langue*), sendo social em sua essência, e outra que seria a fala (*parole*), como parte individual da linguagem. O pensamento saussuriano produz a ideia de língua enquanto sistema estável, sincrônico e homogêneo, caracterizado por um estudo linguístico com leis específicas que acoplam o signo da língua no interior de um sistema fechado, desvinculado de valores ideológicos. A partir dessa apresentação, Saussure elege seu objeto de estudo: a língua, considerando-a como um sistema de signos formados pela união do sentido e da imagem acústica. Sentido enquanto conceito, ideia, significado; imagem acústica pensada como impressão psíquica, não como um som materializado, seria o significante. Assim sendo, Saussure demarca que esses dois elementos constituintes do signo “estão intimamente unidos e um reclama do outro” (SAUSSURE, 2006, p. 80). Ou seja, são interdependentes, pois a existência de um compromete a existência do outro.

Para o autor, “o laço que une o significante e o significado é arbitrário” (SAUSSURE, 2006, p.81). Essa arbitrariedade do signo linguístico é resultante da não relação necessária entre a ideia (significado) e a sequência



de sons (significante). Em outras palavras, Saussure argumenta sua tese a partir das diferenças entre as línguas, da possibilidade de um significado ser representado por vários significantes.

Contrapondo-se a isso, e a outros pensamentos de estudiosos que antecederam a Saussure, Bakhtin constrói seu discurso envolvendo a questão estilo, gêneros primários e secundários, enunciados, e outros assuntos, tentando superar noções simplistas acerca da vida verbal que permeavam a ciência da linguagem. O autor promoveu com o estudo dos gêneros do discurso, do enunciado - entendido como unidade real da comunicação verbal - uma melhor compreensão da natureza das palavras, das orações, das *unidades da língua*, vista naquela instância como sistema (BAKHTIN, 1997a, p. 287). Segundo Weedwood (2002), Bakhtin contrapõe-se à Saussure e ao estruturalismo que emergia a partir dos postulados saussurianos. Sua contraposição se dava à defesa de se pensar a língua como sistema estável, estabelecido por leis específicas que acoplavam os signos linguísticos num interior de um sistema fechado, desvinculado de valores ideológicos.

A partir dessas reflexões, Bakhtin se torna o precursor da ideia de natureza socioideológica e discursiva dos gêneros. Enfatiza a relação dos gêneros com os enunciados desprendendo-se da dimensão linguística formal que se mostrava, em seu tempo, desvinculada da atividade social. Sobremodo, demarca a relativa estabilização dos gêneros ligada à atividade humana; apresentando-os de maneira vinculada à situação social de interação. De acordo com Brandão (1995, p. 9), Bakhtin privilegia a enunciação enquanto realidade da linguagem: “A matéria linguística é apenas uma parte do enunciado; existe também outra parte, não – verbal, que corresponde ao contexto da comunicação”. Trata-se duma visão de

linguagem como interação social, tendo o outro papel fundamental na constituição do significado. Brandão ainda assinala que para Bakhtin a linguagem é plurivalência, no sentido de que ela é o lugar de manifestação ideológica; logo, a palavra é o signo ideológico por excelência, produto de interação, por isso retrata as diferentes formas de significar a realidade. Dialógica por natureza, “a palavra se transforma em acessa luta de vozes”. Conseqüentemente, a linguagem não pode ser compreendida como entidade abstrata.

Contudo, os estudos sobre os gêneros discursivos, a partir de Bakhtin, apresentam caminhos para um estudo da linguagem como atividade sociointeracional; aponta características da unidade deste estudo (o enunciado), contrastando com a unidade tradicional dos estudos linguísticos (a sentença). Os gêneros são enfocados pelo viés da produção e da recepção, um vínculo orgânico entre a utilização da linguagem e a atividade humana. Em outros termos, Bakhtin percebe que os tipos de dizer estão relacionados aos tipos de atividades que os interlocutores estão envolvidos. Dessa forma, os gêneros do discurso emergem, estabilizam-se e evoluem no interior das atividades humanas, caracterizando a sua relativa estabilidade.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a *heterogeneidade* dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas) (BAKHTIN, 1997a, p. 279-280).





No processo ideológico permitido pela interação, os gêneros se tornam formas de ação, índices de referência para a construção de enunciados. Nesse vínculo observado entre os gêneros e a situação social de interação, as relações sociohistóricas, com sua dinamicidade, promovem tanto a preservação (o que traduz a ideia bakhtiniana de “tipos relativamente estáveis de enunciados”), quanto a constante mudança e renovação dos gêneros discursivos.

Dito de outra forma, nos gêneros do discurso, há um vínculo orgânico que envolve a utilização da linguagem e a atividade humana, ou seja, o que dizemos está relacionado ao tipo de atividade que estamos envolvidos; eles organizam e dão sentido às experiências humanas, nos ajudam a ver e interpretar o mundo e nele agir. Por isso, deve-se entender que, quando Bakhtin define gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis”, ele propõe ao seu interlocutor a pensar na variedade dos gêneros que está ligada às inesgotáveis atividades humanas, na possibilidade de inovações, ampliações, alterações dos gêneros, pois, na proporção em que as esferas das atividades entram em complexidade, os gêneros do discurso acompanham o movimento, uns desaparecem, outros surgem e outros se diferenciam, essa é a ideia de relativização dita por Bakhtin.

Atualmente, as políticas educacionais se articulam no propósito de preparar os professores para o ensino dinamizado. Para tanto, se debruçam, também, nos trabalhos de autores que abordam os gêneros do discurso como proposta de ensino de língua, tentando comprovar que um estudo a partir de gêneros mostra o funcionamento da sociedade, engloba uma análise do texto, do discurso, uma vez que lidar com gêneros condiz com o trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas.

Os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN) de Língua Portuguesa

(LP) é, outrossim, fruto dessas políticas educacionais que buscam articular a dinamização do ensino de língua materna. Aponta para possibilidade do uso de gêneros discursivos como materialização do diálogo cotidiano que precisam ser identificados pelo professor e pelo aluno como enunciados concretos, propícios a se tornarem uma excelente estratégia de construção do conhecimento e uma melhor maneira de compreender o funcionamento da linguagem.

O PCN de LP (BRASIL, 1998, p. 49) defende que, cabe à escola organizar um conjunto de atividades a que venha contribuir para o desenvolvimento do aluno no que concerne ao domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem. Assim, é possível correlacionar essa tarefa da escola com os resultados da ampliação de análise e investigações sobre o ensino de língua, bem como manter uma relação dialógica com Bakhtin (1997a, p. 279) quando ele diz que “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...]”.

Primeiro, Bakhtin diz que o uso da língua se efetua em forma de enunciados, tantos orais como escritos; depois, que os enunciados são organizados pelos participantes das diversas esferas das atividades humanas, refletindo as especificidades e finalidades dessas esferas. Até aqui se pode entender que o discurso só tem condição de existência se for à forma de enunciados, e que o estudo desses permite a compreensão da natureza das unidades da língua. Ora, se a condição dada por Bakhtin para se compreender a natureza das unidades da língua (a palavra, a oração, e outras) é por meio de enunciados, é pertinente estabelecer uma relação dialógica com o que diz o PCN de LP quanto à



necessidade de a escola organizar um conjunto de atividades que contribua para o desenvolvimento do aluno na utilização da língua em situações diversas de linguagem.

O que o PCN de LP e Bakhtin pontuam diz respeito à adequação do dizer, ao entendimento de que a língua (e seu estudo) vive e evolui no processo de comunicação verbal concreta, portanto, ambos se distanciam da ideia de língua (ou do estudo/ensino de língua) pautado no sistema linguístico abstrato (ou conteudista). A *palavra* para Bakhtin é ponte, mediação, se posiciona na relação eu-outro, é elemento essencial para acompanhar e construir concepções ideológicas. Portanto, se a escola instaura esse direito ela garante um ensino de língua dialógico, onde, mediante o direito à palavra, o aluno venha perceber a associação existente entre as várias formas de comunicação verbal que ele se encontra imerso e as diversas esferas da comunicação humana, que Bakhtin chama de *gêneros do discurso*. Logo, a compreensão que “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciado”, e que esse pode ser entendido como “unidade de comunicação verbal”, torna-se mais acessível ao aluno, concorrendo para uma aprendizagem mais significativa sobre língua(gem).

Bakhtin (1997b, p. 112) pensa a dialogia pelo viés da *interação*; para ele, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, assim sendo, a palavra é uma espécie de ponte lançada entre um *eu* e um *outro*, que se apoia nas extremidades de cada um, tornando-se um território comum do locutor (o *eu*) e do interlocutor (o *outro*):

essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto da*

interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 1997b, p. 113).

Para o estudioso russo, o homem e a vida são caracterizados pelo princípio dialógico. O diálogo se apresenta no contexto do discurso, na interação de pelo menos duas enunciações, não podendo ser realizado numa enunciação monológica individual e isolada, assim, considera-se o *discurso de outrem* uma recepção ativa e fundamental na constituição da dialogia. Nesse movimento, a alteridade marca o ser humano, uma vez que a presença do *outro* se torna essencial para a sua constituição. Nesse processo há o entrelace de valores, posicionamentos das mais variadas visões de mundo; logo, o movimento *alter* de interrogar, concordar, ouvir, responder faz o homem participar da vida, descobrindo que o sentido de viver se constitui na participação dialógica.

O autor sustenta que as palavras e as réplicas são vivas; assim, o sujeito que “apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores” (Bakhtin, 1997b, p. 147). Esse discurso que envolve a palavra, a enunciação, a expressão promove o falar da relação *eu-outro*, das relações humanas que, pela dialogia, pela *interação* contínua, provocam as transformações sociais. Bakhtin também defende que a palavra é um fenômeno ideológico que se relaciona com a realidade, como elemento de mediação, conduzindo os pontos de vista de cada um em direção ao outro, constituindo ambos.





Uma vez que Bakhtin confere à palavra sua função, ele viabiliza a percepção de que o significado não se dá pelo monólogo, pela centralidade, mas pela interação caracterizada por vozes. As vozes e consciências que circulam e interagem num diálogo infinito constroem um mundo polifônico, um universo em que todas as vozes são equipolentes¹ (FARACO, 2009, p. 77-78). A diferença marcada pelas vozes potencializa o texto; isso demonstra que nem o enunciado, nem o indivíduo estão finalizados. No processo de interação, as ideias não devem se sujeitar a um centro, a palavras finais, pois no indivíduo instaura-se um movimento constante de nova retomada e de ressignificação dos sentidos.

Bakhtin nos dá a liberdade de dizer que a vida é em si dialógica por vivemos a partir de nosso ponto de vista e do ponto de vista do outro, na busca de compreender aquilo que está transcendente à nossa própria consciência. Considerando isso, é possível entender as ideologias, o redimensionamento de valores, as ações dos sujeitos como respostas suscitadas pelos discursos do outro.

As práticas de linguagem são uma totalidade; não podem, na escola, ser apresentadas de maneira fragmentada, sob pena de não de tornarem reconhecíveis e de terem sua aprendizagem inviabilizada. Ainda que didaticamente seja necessário realizar recortes e deslocamentos para melhor compreender o funcionamento da linguagem, é fato que a observação e análise de um aspecto demandam o exercício constante de articulação com os demais aspectos envolvidos no processo. Ao invés de organizar o ensino em unidades formatadas em “textos”, “tópicos de gramática”

e “redação”, fechadas em si mesmas de maneira desarticulada, as atividades propostas no ambiente escolar devem considerar as especificidades de cada uma das práticas de linguagem em função da articulação que estabelecem entre si (BRASIL, 1998, p. 36).

Com esse dizer, o PCN de LP destaca a necessidade de a escola promover um ensino articulado, dialógico, construído a partir de uma interação com outros saberes, distanciado do monolinguismo², do “casulo”, dos compartimentos oferecidos pelas normas gramaticais e pelas “seções” dos manuais didáticos. Nesse sentido, dialoga com os construtos bakhtinianos, seu dizer pode ser visto como uma resposta suscita pelo dizer do outro. Para ampliar o entendimento, o PCN de LP expõe a necessidade de seleção de textos a fim de que se obtenha “modelos para o aluno construir representações cada vez mais sofisticados sobre o funcionamento da linguagem, articulando-se à prática de produção de textos” (BRASIL, 1998, p. 36). Claramente, ele propõe um ensino de língua com base nos gêneros do discurso, o qual implica a realização e a articulação de tarefas diversas; diz que para se produzir um texto, é preciso planejá-lo em função dos objetos colocados, das especificidades do gênero e do suporte, dos leitores.

Assim, o PCN de LP apresenta a linguagem como atividade discursiva e cognitiva, sendo seu domínio a condição de possibilidade de plena participação social. Há uma apropriação do discurso bakhtiniano quando nos Parâmetros se lê que “pela linguagem os homens e mulheres se comunicam, tem acesso à informação, expressam e defendem

1 “São consciências e vozes que participam do diálogo com as outras vozes em pé de absoluta igualdade; não se objetificam, isto é, não perdem o seu SER enquanto vozes e consciências autônomas” (BAKHTIN, 2002, p. 4).

2 Termo de idéia contrária à multilinguismo. A linguística moderna toma a perspectiva monolíngue como ponto de partida na discussão de problemas analíticos como, por exemplo, a construção de gramática normativa.



pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura (BRASIL, 1998, p. 19)". Esse processo de interação discursiva confere a ideia de que o texto (a palavra, a enunciação) não pode ser visto isoladamente; ele é, portanto, o lugar que permite o discurso de um sujeito se inserir no do outro, produzindo a materialidade da língua.

Miotello (2009, p. 8), ancorado nos estudos bakhtinianos, diz que a linguagem e a vida são dialógicas, ambas partem do outro e constituem o eu; esses, misturados (eu e outro), se constituem e (re)constituem o mundo e a linguagem mediante as relações sociais, os acontecimentos, os choques. Em concordância, Geraldi (2010, p. 105-106) afirma que a dialogia qualifica a relação essencial entre o eu e o outro, porém essa relação dialógica não pode ser imaginada sempre harmoniosa, consensual e desprovida de conflitos. Ligado à ideia de Geraldi, GEGe (2010, p. 18) expõe que na relação dialógica não há a sobrevivência de uma forma e a morte da outra, ambas convivem, interagem, não de forma pacífica, mas de forma tensa e contraditória; nessa luta ideológica, ambas ganham e perdem ao mesmo tempo. O PCN de LP também pontua sobre essa arena de lutas existente nas relações dialógicas:

pela linguagem se expressam idéias, pensamentos e intenções, se estabelecem relações interpessoais anteriormente inexistentes e se influencia o outro, alterando suas representações da realidade e da sociedade e o rumo de suas (re)ações [...]. Nesse sentido, a linguagem contém em si a fonte dialética da tradição e da mudança. (BRASIL, 1998, p. 20).

Em consonância com os autores, o PCN de LP afirma que interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva. Isso implica pensar nas

condições em que o discurso é realizado, nas organizações do discurso a partir da finalidade e intenção do locutor, nos conhecimentos que o interlocutor, supostamente, pode ter sobre o assunto, dentre outras implicações. Tudo isso determina as escolhas do gênero no qual o discurso pode ser realizado, da estrutura a utilizar e da seleção dos recursos linguísticos, é o que afirmam os Parâmetros (BRASIL, 1998, p.21).

Assim, o discurso sobre língua/ ensino, nos Parâmetros, se desloca em sentido, saindo de um lugar/voz que diz que o ensino da língua decorre de uma análise de estratos (letras/fonemas, sílabas) para outro que diz que aprender uma língua é aprender pragmaticamente seus significados culturais. O que se percebe ao longo do PCN de LP são as marcas dialógicas construídas não somente através dos construtos bakhtinianos, mas também de outros conceitos e noções que embasam os estudos linguísticos. Esse movimento dialógico comporta perspectivas da Filosofia da linguagem, da Linguística Textual, da Pragmática, e de outras teorias e áreas que se constituíram a partir do discurso de outrem.

O PCN de LP propõe o estudo dos gêneros do discurso por considerar esse como um meio para se entender o ensino de LP como uma ação histórica, social, cultural, uma atividade discursiva que deve se manifestar através de textos. Texto aqui é compreendido como "produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo" (BRASIL, 1998, p. 21), uma unidade significativa global que se distancia da ideia de um amontoado aleatório de enunciados. Os Parâmetros dizem que todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, logo, é visto como parte das condições de produção do discurso. "Os gêneros são, portanto, determinados





historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura” (BRASIL, 1998, p. 21).

Com a apropriação do discurso bakhtiniano, o PCN de LP embasa o seu interlocutor com o discurso de expansão das várias possibilidades de uso da linguagem em suas formas de realização; afirma que o discurso não acontece no vazio, ele se relaciona sempre com outros discursos já produzidos. Nesse sentido, os textos estão em constante relação uns com os outros resultando numa atividade discursiva, o que provoca relações de dependência distanciadas do monolinguismo.

No dizer dos Parâmetros, a importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais; a cada tempo, há a exigência de níveis de leitura e de escrita diferentes dos que satisfizeram as demandas de tempos atrás. A necessidade de atender a isso tem tornado obrigatória a revisão substantiva dos métodos de ensino e a constituição de práticas que dão possibilidade ao aluno de ampliar sua competência discursiva na interlocução. Nessa perspectiva, a análise de estratos – letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases – pouco tem a ver com a competência discursiva por se constituir de forma descontextualizada, portanto, a unidade básica do ensino só pode ser o texto (BRASIL, 1998, p. 23).

O PCN de LP traz uma proposta de ensino interessada no desenvolvimento da competência discursiva e linguística, na qual o sujeito aluno, supostamente, será capaz de utilizar a língua de modo variado, produzindo diferentes efeitos de sentidos e adequando o texto a diferentes situações de interlocução, sejam elas orais ou escritas. Para tanto, essa

proposta considera os gêneros do discurso como elemento constituidor do ensino de língua(gem).

Cabe, então, ao ensino de língua materna, segundo os Parâmetros (Brasil, 1998, p. 28), criar situações em que o aluno possa operar sobre a linguagem, construindo paradigmas próprios da fala de sua comunidade; cabe ajudar o aluno a pensar e a falar sobre a própria linguagem, a selecionar recursos expressivos que refletem condições de produção do discurso e a refletir sobre similaridades, regularidades e diferenças de formas e de usos linguísticos.

O PCN de LP busca mostrar uma relação com as transformações educacionais e sociais demandadas pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), e com as vozes que compactuam com propósitos demarcados pela LDB. A palavra registrada no PCN de LP marca as mudanças sociais que não ocorrem indissociáveis, mas no sentido dialógico, pela interação verbal. Enfim, o parâmetro diz que o ensino de LP deve acontecer num espaço onde as práticas de uso da linguagem sejam compreendidas em sua dimensão histórica, impulsionando, simultaneamente, análises e sistematizações de teorias dos conhecimentos linguísticos; onde essas práticas sejam uma totalidade, ou seja, que venham demandar o exercício constante de articulação com outros aspectos envolvidos no processo e no funcionamento das mesmas (BRASIL, 1998, p. 34).

Tendo em vista isso, para que esse espaço se consolide, é necessário que os indivíduos envolvidos passem pela etapa de conscientização de que sua individualidade é histórica, que sua consciência é construída dialogicamente,



que ele é um “fenômeno puramente socioideológico”, como afirma Bakhtin. Ora, havendo essa etapa de conscientização, torna-se fácil desenvolver um ensino de LP pautado na defesa de que o texto, a enunciação, a *palavra* são produto de uma atividade dialógica, de um ato responsivo, de uma consciência individual condicionada à dimensão social, de uma pluralidade.

Um texto produzido é sempre produzido a partir de determinado lugar, marcado por suas condições de produção. Não há como separar o sujeito, a história e o mundo das práticas de linguagem. Compreender um texto é buscar as marcas do enunciador projetadas nesse texto,

é reconhecer a maneira singular de como se constrói uma representação a respeito do mundo e da história, é relacionar o texto a outros textos que traduzem outras vozes, outros lugares (BRASIL, 1998, p.40).

Contudo, o PCN de LP viabiliza o entendimento de que o ensino de língua(gem) não é construído na neutralidade, com base nos “arquivos” contidos na gramática normativa. Propõe um ensino considerando o texto - os gêneros do discurso - como portador de vozes que concebe o *diálogo*, a dinâmica discursiva entre o *eu* e o *outro*, a condição de réplica, de uma tomada de posição que gera outros textos.

GENRES OF DISCOURSE: PROPOSAL OF PARAMETERS FOR PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING

ABSTRACT

This article aims to introduce a notion about the speech genres, considering some bakhtinian assumptions about language. In a dialogical perspective, we will identify what the National Curricular Parameters (PCN) of the Portuguese Language (LP) prescribes with regard to the discursive genres and how these are taken by the parameters as a proposal for teaching language.

Keyword: language, speech genres, PCN of LP

Artigo submetido para publicação em: 21/06/2011

Aceito em: 04/08/2011

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (1997a). **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (1997b). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8 ed. São Paulo: Hucitec.
- _____ (2002). **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- BRANDÃO, H. H. N. (1995). **Introdução à análise do discurso**. 4 ed. Campinas: UNICAMP.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF.





- CARVALHO, C. de (2003). **Para compreender Saussure**: fundamentos e visão crítica. Petrópolis, RJ: Vozes.
- FARACO, C. A. (2009). **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial.
- GEGe, Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (2010). **Palavras e contrapalavras**: conversando sobre os trabalhos de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores.
- GERALDI, João Wanderley (2010). **Ancoragens**: estudos bakhtinianos. São Carlos: Pedro & João Editores.
- MARCUSCHI, L. A. (2008). **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial.
- MIOTELLO, Valdemir (Org.) (2009). **Dialogismo**: olhares, vozes, lugares. São Carlos: Pedro & João Editores.
- SAUSSURE, F. de (2006). **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. 28 ed. São Paulo: Cultrix.
- WEEDWOOD, B. (2002). **História concisa da linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial.